

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
CAMPUS BAIXADA SANTISTA
INSTITUTO SAÚDE E SOCIEDADE
SERVIÇO SOCIAL

LAIANY LARA EMILIANO

**Ser Docente no Século XXI: uma análise sobre as condições do
trabalho em uma universidade pública.**

Santos

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
CAMPUS BAIXADA SANTISTA
INSTITUTO SAÚDE E SOCIEDADE
SERVIÇO SOCIAL

LAIANY LARA EMILIANO

**Ser Docente no Século XXI: uma análise sobre as condições do
trabalho em uma universidade pública.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado para
obtenção do título de Bacharel em Serviço Social na
Universidade Federal de São Paulo, campus
Baixada Santista

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima Ferreira
Queiróz

Santos

2019

Ficha catalográfica elaborada por sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Emilia no, L.Ls Emiliano, Laiany Lara.
 Ser Docente no Século XXI: uma análise sobre as
 condições do trabalho em uma universidade pública.. /
 Laiany Lara Emiliano; Orientadora Dra. Maria de
 Fátima Ferreira Queiróz Queiroz. -- Santos, 2019.
 37 p. ; 30cm

 TCC (Graduação - Serviço Social) -- Instituto Saúde
 e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo, 2019.

 1. serviço social. 2. trabalho docente. 3.
 reestruturação produtiva. I. Queiroz, Dra. Maria de
 Fátima Ferreira Queiróz, Orient. II. Título.

CDD 361.3

LAIANY LARA EMILIANO

**Ser Docente no Século XXI: uma análise sobre as condições do
trabalho em uma universidade pública.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado para
obtenção do título de Bacharel em Serviço Social na
Universidade Federal de São Paulo, campus
Baixada Santista

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima Ferreira
Queiróz

Aprovado em _____ de _____ de 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof.Dr Mauro Luis Iasi

Profa. Dra.GiseleAparecida Bovolenta

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos/as professores/as do ensino fundamental, médio e universidade pública do país. Agradeço aos docentes da Universidade Federal de São Paulo pelos ensinamentos e apoio durante minhas pesquisas na graduação de Serviço Social. Aos docentes que participaram da pesquisa de iniciação científica agradeço pela confiança, compreensão e dedicação em construir coletivamente este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao mar, por me acolher na sua onda de braços abertos me ajudando a enfrentar os desafios da vida universitária.

Aos meus avós, que sempre tiveram o sonho em poder ter estudado. Agradeço a vocês pelos ensinamentos, dedicação e carinho. Obrigada por sempre me fazer lembrar que a vida ensina e os obstáculos são apenas oportunidades para que a gente se reconheça cada vez mais.

À minha mãe, Meliana Regina Emiliano, por todo apoio e dedicação durante a minha trajetória acadêmica. Sou grata por toda compreensão e paciência, te admiro muito e tenho orgulho da sua história de vida! Somos guerreiras, eu te amo!

Ao meu pai e à minha irmã, pelos conflitos que tivemos juntos, aprendi com vocês que é muito a viver na diversidade.

À minha companheira, Thalita Motta Rodrigues, pelo seu apoio e carinho. Obrigada por estar ao meu lado nessa fase, por torcer junto e lutar juntas! Você é muito especial! Amo você, beba!

Aos meus tios, Quera, Gal, Cris e Élide, pela parceria e pelo cuidado. Agradeço a vocês por me incentivarem aos estudos e me apoiarem com amor, carinho e respeito.

Aos meus amigos(as), pelos momentos de diversão e risadas, agradeço a todos(as), os momentos que passamos juntos em Santos foram inesquecíveis.

À minha orientadora Dra. Maria de Fátima Ferreira Queiroz, por toda a dedicação e compromisso. Agradeço a você pela amizade que cultivamos neste processo de trabalho, conte comigo sempre!

À todo(as) trabalhadores(as) da Universidade Federal de São Paulo Campus Baixada Santista, sem vocês jamais um/a estudante conseguiria chegar até aqui, construímos este percurso juntos(as)!

Talvez um lunático seja apenas uma minoria de um. Antigamente, fora sinal de loucura acreditar que a terra gira em torno do sol; hoje, crer que o passado é inalterável. Podia ser o único a ter aquela crença, e sendo sozinho, lunático. A ideia de ser lunático, porém, não o perturbava grandemente. O horror era estar enganado.

Tomou o livro escolar e olhou o retrato do Grande Irmão que formava o frontispício. O olhar hipnótico fixou o de Winston. Era uma força enorme, fazendo pressão – algo que penetrava o crânio, se chocava contra o cérebro, amedrontava e fazia perder a fé, persuadia quase a negar a evidência dos sentidos. No fim, o Partido anunciaria que dois e dois são cinco, e todos teriam que acreditar. Era inevitável que o proclamasse mais cedo ou mais tarde: exigia-o a lógica de sua posição. Sua filosofia negava tacitamente não apenas a validade da experiência como a própria existência da realidade externa. O bom senso era a heresia das heresias. E o que mais o aterrorizava não era que matassem o cidadão por pensar diferente, mas a possibilidade de terem razão. Por que, afinal de contas, como sabemos que dois e dois são quatro? Ou que existe lei da gravidade? Ou que o passado é inalterável? Se tanto o passado como o mundo externo só existem na mente, e se a mente em si é controlável...então?

Mas não. – De repente a coragem de Winston pareceu fortalecer-se. O rosto de O'Brien, sem ser recordado por nenhuma evidente associação de ideias, surgira-lhe no espírito. E soube, com mais certeza do que antes, que O'Brien estava do seu lado. Estava escrevendo o diário para O'Brien – a O'Brien; era uma espécie de carta interminável, que ninguém leria, mas que era dirigida a uma certa pessoa e por isso adquiria vibração.

1984, George Orwell

RESUMO

Este estudo apresenta a proposta de elaborar uma revisão de literatura, visando aprofundar o conhecimento sobre *a realidade do trabalho docente em uma Universidade Pública*. Durante a trajetória do curso de Serviço Social a produção teórico-prática tem-se aproximado do cotidiano estudantil promovendo algumas tendências investigativas sobre a dinâmica do Trabalho em constante precarização. Em tese¹ defendida pelo professor Dr. Ricardo Lara² o trabalho vem sendo investigado por diversos pesquisadores e as transformações do mundo do trabalho e reestruturação produtiva vem sendo um dos eixos em comum nas pesquisas. Sendo assim, o desenvolvimento deste projeto tem a necessidade de se aproximar, a partir das produções teóricas do serviço social sobre a temática trabalho com o objetivo de compreender as expressões da transformação do mundo trabalho, reestruturação produtiva e preocupações contemporâneas da profissão. Com o intuito de contribuir na produção científica sobre as expressões das transformações do trabalho e reestruturação produtiva, apresenta-se a realidade de docentes em uma Universidade Pública. Para efetivar o projeto de conclusão de curso a análise do trabalho docente foi desenvolvida a partir da pesquisa de iniciação científica realizada no período de 2017 à 2018 na Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista com uma leitura dos teóricos do trabalho estudos no decorrer do curso de Serviço Social. Compreendendo que o processo de globalização vem transformando a política educacional, as formas de organização e os processos de trabalho, identidades, formas de sociabilidade e valores de uma categoria profissional, este projeto busca contribuir com a produção teórica em Serviço Social e também propiciar uma aproximação dos profissionais frente a categoria docente que vem adoecendo neste processo de intensificação do trabalho.

Palavras-chave: trabalho docente, serviço social, reestruturação produtiva.

¹ Tese defendida em Franca: "A produção do conhecimento em Serviço Social: O mundo do trabalho em debate, 2008"

²Professor Doutor, em Serviço Social

ABSTRACT

This study presents the proposal to prepare a literature review, aiming to deepen the knowledge about the reality of teaching work in a Public University. During the trajectory of the Social Work course, the theoretical-practical production has approached the students' everyday life, promoting some investigative tendencies about the dynamics of Work in constant precariousness. In thesis defended by the professor Dr. Ricardo Lara the work has been investigated by several researchers and the transformations of the world of work and productive restructuring has been one of the common axes in the researches. Thus, the development of this project has the need to approach, from the theoretical productions of social service on the theme work with the aim of understanding the expressions of the transformation of the world work, productive restructuring and contemporary concerns of the profession. With the intention of contributing to the scientific production on the expressions of work transformations and productive restructuring, the reality of teachers in a Public University is presented. To carry out the project of completion of the course the analysis of the teaching work was developed from the research of scientific initiation carried out in the period from 2017 to 2018 at the Federal University of São Paulo, Campus Baixada Santista with a reading of the work theorists studies in the course of the Social Work course. Understanding that the process of globalization has been transforming educational policy, organizational forms and work processes, identities, forms of sociability and values of a professional category, this project seeks to contribute to the theoretical production in Social Service and also provide an approximation of the professionals against the teaching category that has been falling ill in this process of intensification of work.

Keywords: teachingwork, social service, productive restructuring

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	10
2. INTRODUÇÃO.....	11
2.1 Serviço Social e trabalho.....	11
2.2 O trabalho docente.....	12
3. OBJETIVOS.....	18
3.1 Objetivos gerais.....	18
3.2 Objetivos específicos.....	18
4. METODOLOGIA.....	18
4.1 Método de coleta de dados e contexto de aplicação.....	19
4.2 A compreensão do trabalho docente a partir da fala dos Trabalhadores/trabalhadoras.....	19
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	
5.1 Breve apresentação dos dados coletados.....	21
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
7. REFERÊNCIAS.....	34
8. ANEXOS.....	35

1. APRESENTAÇÃO

Durante minha trajetória de formação profissional percorri diferentes caminhos, convivi no período de 2009 a 2018 com operárias de uma empresa multinacional; trabalhadoras de fábrica automotiva; trabalhadores/as da área da tecnologia, servidores públicos e trabalhadores/as de *fast food*. No início do processo as ferramentas que me eram oferecidas possuíam direcionamento técnico especificado, minha função no chão de fábrica era verificar as imperfeições ocorridas na linha de produção, não me era palpável a relação capital e trabalho e suas manifestações no processo de produção, no entanto, as expressões se modificavam ao passo de uma nova proposta de organização (seja do espaço, das relações, da flexibilização dos horários, procedimentos com as ferramentas e documentos, entre outros). Com o advento de novas organizações no modo de produção, a vida em torno da fábrica também incorporava essa nova relação produzida pela intensificação do trabalho e as formas globais de se relacionar e consumir.

Diante deste cenário, alguns atravessamentos começaram a ressoar no decorrer do processo de trabalho, a fábrica passou a ser um espaço incomodo, as exigências produzidas em larga escala não terminavam às 18:00 horas e também não mais se iniciavam às 08:00 horas, havia uma continuidade produtiva expressando-se no cansaço do corpo e da mente. Esta continuidade de produção e reprodução permanente já não era só minha, mas também de amigos/as, familiares, professores/as, seguranças, cozinheiros/as e todas as profissões que participavam da vida social. Neste contexto a continuidade produtiva se manifestava da esfera privada à pública e eu, trabalhadora, me encontrava em um labirinto.

Percebendo essa nova conformação do trabalho, a partir de incômodos permanentes, busquei procurar assuntos relacionados ao trabalho e me deparei com um livro com o seguinte título *Relações Sociais e Serviço Social no Brasil* escrito por

Marilda Iamamoto e Raul de Carvalho, na minha primeira aproximação não compreendi muito, mas me recordo de um trecho que passava a seguinte informação: *“não devemos considerar o capitalista e o trabalhador individualmente, mas devemos considerar todo um conjunto de capitalistas e trabalhadores enquanto classes sociais que personificam categorias econômicas e que portanto considera-se o processo das relações sociais entre classes como uma produção na sua continuidade, isto é, na sua reprodução.”*

Com o passar do tempo, fui construindo um senso crítico sobre a realidade no trabalho, este livro e outros (inclusive a literatura brasileira) me fizeram aproximar do curso de Serviço Social.

Durante a graduação tive contato mais próximo com a área da Saúde do Trabalhador no Eixo Trabalho em Saúde e também na sala de aula com as temáticas específicas do Serviço Social a temática trabalho permeava nossas pesquisas e estudos, coletivamente íamos construindo outras formas de interpretar a realidade sobre o trabalho. Muitas mudanças ocorreram durante esses quatro anos, nesse processo, participei de algumas matérias optativas do Curso de Psicologia relacionadas ao trabalho e à política, fiz estágio no Departamento de Gestão da Prefeitura de Santos onde pude conhecer a trajetória de trabalho de servidores/as públicos do município de Santos e por fim iniciei uma pesquisa científica sobre a precarização do trabalho do/a docente da Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista, o que passou a ser uma marco na minha trajetória acadêmica e no fortalecimento de meus questionamentos.

A partir desta experiência, a temática trabalho docente recorre à pesquisa como um desafio em compreender uma realidade que estava integrada ao cotidiano estudantil, mas até então permanecia um fenômeno desconhecido. A princípio, tomei nota sobre a importância em pesquisar as possíveis tendências de produção teórica do Serviço Social relacionadas à temática e observei que uma análise frente à questão do trabalho docente de universidade pública realizada pelo Serviço Social poderá potencializar discussões atuais e somar com a literatura produzida.

2. INTRODUÇÃO

2.1 Serviço Social e Trabalho

“As novas formas não expulsaram as antigas. O que existe é o empilhamento estratificado.”(CERTAU 1982, p.11)

Pensar sobre o momento em que o Serviço Social se interessa pela temática trabalho é uma atividade que exige de nós profissionais uma compreensão do processo histórico do Serviço Social na sua relação com trabalho e os signos que constituem sua ação traz à tona, mesmo que em pequenos fragmentos, o dinamismo da profissão vinculada à esfinge proletária. Evidentemente a escrita do autor Manuel Manrique Castro, em 1982, destaca o Serviço Social inserido nas relações de poder entre grupos sociais e também salienta a importância do seu papel na realidade social e política nos países da América Latina, o que coloca a profissão na íntegra, participe dos acontecimentos históricos proveniente da relação capital e trabalho.

Desta relação na busca por saber, quando serviço social inicia sua discussão e/ou interesse sobre o Trabalho, brota a curiosidade em compreender a princípio a “função” da História na relação de produção da profissão. Há uma relação da história na compreensão da realidade do cotidiano mencionada nas análises realizadas por Certau (1982), que compreendem a importância da historiografia em dividir os períodos temporais na construção do “tempo e história”.

Em suma a importância da historiografia e sua função em dividir os períodos temporais, reinterpreta como “tempo novo”, uma ideia do tempo presente baseado em um passado produzido no tempo “morto” que fora marcado por rupturas anteriores:

Inicialmente a historiografia separa seu presente de um passado. Porém, repete sempre o gesto de dividir. Assim sendo, sua cronologia se compõe de “períodos” (por exemplo Idade Média, História Moderna, História Contemporânea) entre os quais se indica sempre a decisão de ser outro ou de não ser mais o que havia sido até então (o Renascimento, a Revolução). Por sua vez, cada tempo “novo” deu lugar a um discurso que considera “morto” “aquilo que o precedeu, recebendo um “passado” já marcado pelas rupturas anteriores. Logo, o corte é o postulado da interpretação (que se constrói a partir de um presente) e seu objeto (as divisões organizam as representações a serem reinterpretadas).(CERTAU,1982, p.10)

Das derivadas representações que um tempo histórico pode produzir, há um movimento inconcluso e ilimitado próprio da vida social que permeia as relações de produção. Este movimento inconcluso e ilimitado destaca-se nas repetições organizacionais do trabalho e na sua relação ontológica de produção intensificada durante a história, bem como citado por CERTAU (1982), *cada tempo “novo” deu lugar a um discurso que considera “morto”*, há movimentos produzidos na história “morta” tal qual uma herança social capaz de ressurgir no processo da escala industrial representado por vezes um movimento organizado baseado em modelos específicos de uma organização histórica, política e econômica da era fordiana, ora para produzir na escala toyotista, fordista, taylorista, ora à disseminar a ideia contemporânea do sujeito destacado individualmente gestando a si próprio como um corpo deslocado da coletividade enquanto categoria profissional. *Neste caminho para situar o significado da produção de Serviço Social no processo de reprodução das relações sociais, faz-se necessário, inicialmente, procurar apreender o movimento no qual e através do qual se engendram e se renovam as relações sociais que peculiarizam a formação social capitalista (IAMAMOTO, 2008, p. 29)*, revelando o significado da produção no processo de reprodução das relações sociais na história toma-se como referência algumas investigações sobre as transformações do trabalho e reestruturação produtiva engendradas na análise teórica produzida por assistentes sociais.

2.4 O trabalho docente

Atualmente o Brasil vem enfrentando forças iminentes de rupturas e descontinuidades na educação superior pública brasileira. Há um movimento instaurado deslocando-se da esfera pública à esfera produtiva privada no espaço da universidade; e observa-se neste movimento a efervescência produtiva do capitalismo contemporâneo que vem atravessando todas as esferas e camadas da vida em sociedade. Entre uma ruptura do público a um deslocamento privado há uma produção e reprodução de uma lógica dominante comercializada sob as exigências do “novo” *modus operandi* de ser, organizar e trabalhar sendo agenciadas pelo próprio Capital que não só penetra nas esferas as mais infinitesimais da existência, mas também mobiliza, ele as põe para trabalhar, ele as explora e amplia, produzindo uma

plasticidade subjetiva sem precedentes, que ao mesmo tempo lhe escapa por todos os lados. (PELBART, 2002, p.34-35)

Dentre todos os desdobramentos da vida em sociedade em que este vazamento do capitalismo contemporâneo atravessa, a conjuntura política de educação pública brasileira e o trabalho docente estreitam-se em uma estriada categoria teórica, denominada capitalismo acadêmico. (Bernardo, 2014; apud Lalla Júnior, 2019, p.130). Circunscrito nas exigências do cumprimento de metas de publicação, competitividade, solidão, dualismo entre prazer e sofrimento, fadiga, depressão entre outros fatores acarretados pela precarização do trabalho, a conjuntura política da educação superior brasileira cabe simbioticamente no contexto do aumento no quadro de adoecimento de professores/as das universidades públicas brasileiras.

A simbiose entre precarização do trabalho docente e conjuntura política de educação do país vem sendo gerida por reajustes neoliberais marcados pelo movimento de globalização promovendo amplitude no quadro de adoecimentos destes/as trabalhadores/as na educação. O movimento de globalização e de políticas de ajuste neoliberal, tendo a economia como metodologia principal para a definição das políticas educativas (Coraggio, 2000; apud Lima e Lima-Filho, 2009, p. 63), promoveu mudança no processo de trabalho e de gestão em educação superior (Lima e Lima-Filho, 2009, p. 63, citando Durham e Sampaio, 2000), repercutindo nas condições de trabalho, no status social do professor e no valor que a sociedade destina à própria educação (Lima e Lima-Filho, 2009, p. 63, citando Araújo et al., 2005). Segundo Mancebo e colaboradores (citado por Lima e Lima-Filho, 2009):

“O sentido de todas essas mudanças é claro: de um modo geral, as políticas de educação superior da quase totalidade dos países estão levando a universidade a adotar um modelo, também chamado ‘anglo-saxônico’, que a configura não mais como uma instituição social, em moldes clássicos, mas como uma organização social neoprofissional, heterônoma, operacional e empresarial/competitiva.”

“A partir da década de 1960, o professor se vê submetido às mesmas condições dos trabalhadores fabris, pois a escola adquire a nova função de formar trabalhadores. O aluno passa a ser visto como produto e a escola como uma instituição produtora da força de trabalho.” (FRANCELINO, 2003, p.136; apud LIMA e LIMA-FILHO, 2009, p. 63), Segundo Deleuze (1992), citado por Alves e Benites (2001) aos poucos a antiga

“sociedade disciplinar” foucaultiana parece dar lugar a uma “sociedade de controle”. Ou seja, estaríamos passando – não em um sentido evolutivo ou mesmo completo- de uma forma de organização societal marcada por técnicas e saberes que forjaram o homem confinado, individualizado, produtor descontínuo de energia para uma forma onde o controle é de curto prazo, contínuo e ilimitado. Nessa “sociedade de controle”, o número que indicava o lugar do indivíduo na massa é substituído pela “cifra” ou senha que marca o acesso ou rejeição, a posição de cada um, lícita ou ilícita. Nessa sociedade a antiga fábrica, do disciplinamento, do confinamento, dá lugar à empresa do controle contínuo e difuso, de auto deformação permanente. (ALVES E BENITES, 2001, p.95).

As interferências que a globalização, as políticas neoliberais e os organismos internacionais acarretam às reformas educacionais, ao objeto do trabalho docente e às condições e organização do trabalho dos professores produzem processos de precarização que envolvem: o alinhamento da escola à empresa e dos conteúdos ensinados às exigências do mercado, tendo em vista formar trabalhadores para a obtenção de maior eficiência, produtividade e lucro em uma sociedade competitiva; a educação sendo tratada como mercadoria e as reformas educacionais como políticas públicas, atuando na regulação social e nos ajustes estruturais que contribuem para manutenção das bases do sistema de acumulação; a vinculação dos elementos constitutivos da formação à lógica do mercado e a uma perspectiva flexível, polivalente e utilitarista, que enfatiza as experiências, a formação continuada, a educação a distância (EAD) e a pedagogia das competências; o desenvolvimento de uma cultura performática e de um regime de responsabilização, que agrega controle, inspeções, regulações, prescrições, julgamentos, cobrança por resultados, comparações e amostras de “qualidade” e “promoção”, imputabilidade e prestação de contas, além de concorrência e comparação entre os pares. (BALL et al., 2013 apud PENTEADO E SOUZA NETO, 2019, p.136-137.).

Compreende-se que o movimento de precarização do trabalho docente na atual conjuntura política educacional do país é reflexo de um novo modelo de gestão da política educacional que busca a eficiência de todo o processo, a partir de novas formas de financiamento, de avaliação e de controle do trabalho. “Sob o pretexto da melhoria da qualidade institui práticas de responsabilização por meio de esquemas gerenciais (...) de hiperprodução em fluxos de tempos concentrados na Educação

Superior. (PIOLLI, SILVA e HELOANI, 2015, p. 592. apud LALLA JÚNIOR, 2019, p.38).

É importante vincular o contexto político e histórico do Brasil e suas representações frente às precariedades do trabalho docente de universidade pública em um contexto em que segundo Jinkings (2016, p. 11) apud Soares e Nobre (2018, p. 801-802), inclui a análise do Golpe de 2016 no Brasil, “[...] que tem vergonha de ser chamado de golpe”, que representa a maximização do pensamento conservador no controle do Estado brasileiro voltando-se para intensa privatização. A consequência destas medidas é atingir formato mínimo para a classe trabalhadora no âmbito das políticas sociais, e maior controle social. De acordo com a autora, nos seus primeiros momentos o golpe levou para o Congresso pauta sintonizada com demandas do grande capital tanto no sentido da reforma trabalhista já aprovada, que atualiza a flexibilização do mundo do trabalho, como da reforma previdenciária.

Na complexa conjuntura em que se articulam economia e política, “as instituições de ensino superior (especialmente as públicas) veem-se afetadas, primeiramente, pela recessão e cortes sistemáticos advindos da federação e de diversos entes federativos”. (MANCIBO e col. 2016, apud LALLA JÚNIOR, 2019, p.212).

Segundo Soares e Nobre (2018, p.803) os golpes à democracia brasileira precisam ser compreendidos no contexto do capitalismo neoliberal e sua expressão como crise financeira em 2008/2009 em termos mundiais. Como é amplamente conhecido na literatura marxista, as crises históricas impõem ao capital a necessidade da restauração da ordem burguesa e a recomposição de suas taxas de lucro, acentuando e expondo suas contradições estruturais. No Brasil, desde a implantação da Reforma do Estado, tem se verificado uma intensificação, precarização e extensificação do trabalho docente. Por extensificação, os referidos autores compreendem o incremento de horas de trabalho em sua jornada estabelecida, mesmo com a aceleração das atividades desempenhadas normalmente. O ambiente de trabalho, de um modo geral, tem se tornado cada vez mais prejudicial, especialmente por conta do contexto político neoliberal que a sociedade vivencia. (SGUISSARDI E SILVA JÚNIOR, 2009; apud LALLA JÚNIOR, 2019, p.39).

Assim, o modelo de desenvolvimento econômico neoliberal que estabelece as mudanças na função do Estado, que passa a ter um papel regulador, e empenha-se na privatização com o repasse do controle de uma atividade econômica do setor público ao setor privado, tem gerado impactos na organização do trabalho nos ramos de atividades, tanto industrial como de serviços, incluindo o trabalho dos docentes nas universidades públicas. As transformações na organização do trabalho nas universidades têm afetado aos docentes no nível de sua saúde e estabelecido uma condição de vulnerabilidade diante das exigências de produção de ensino, pesquisa e extensão. Em pesquisa Arbex e col. (2013) afirmam que o trabalho docente não ficou incólume às transformações ocorridas no mundo do trabalho, pois a precarização das condições de trabalho e saúde afetaram social e psiquicamente esses trabalhadores. Os autores analisaram a atividade de docentes em sistema de readaptação em uma universidade pública estadual e constataram que estes estão sofrendo com o excesso de atividades acadêmicas. A queixa central dos docentes refere-se a soma de todas as atividades docentes que geram, ao fim, sobrecarga de trabalho.

Em um estudo no âmbito da pós-graduação em Serviço Social, Guarany (2014) analisou a fala de seis docentes, com método qualitativo, sobre suas histórias de vida no trabalho em uma universidade pública federal. Suas conclusões afirmam que a nova forma de gestão na educação pública federal impõe um novo ritmo e um novo processo de trabalho que intensifica o sofrimento psíquico e até leva ao adoecimento mental. Estabelece a relação mais geral entre intensificação do ritmo de trabalho e sofrimento psíquico/adoecimento, e a autora percebe ainda que existem outros fatores presentes no ambiente organizacional que também estão associados a este estado e/ou patologia. Inclui entre os fatores de adoecimento o ambiente de trabalho competitivo; a falta de apoio da gestão para melhorar as condições mínimas de trabalho; as diversas tarefas que tem que desempenhar e para a qual não foi preparado, entre outros diversos narrados e reproduzidos (GUARANY, 2014, p. 216-2017).

Ainda sobre as pesquisas Oliveira Souza (2018) utilizou a pesquisa empírica qualitativa na abordagem a 15 docentes-pesquisadores em uma universidade pública federal e observou que

[...] o trabalho do professor-pesquisador é realizado sob condições que acabam sendo sofridas e penosas, afinal a autonomia sobre quando e que tempo necessita para fazer sua pesquisa, é sempre limitada, pois não decide se é melhor publicar agora ou esperar o experimento terminar, não tem verba institucional e é obrigado a lutar por financiamentos que considera o processo desigual e doentio. Situações como essas permitem inferir que o trabalho realizado pelo professor-pesquisador não está livre das condições impostas pelo trabalho alienado, assim como qualquer outro trabalhador que desempenha suas funções na sociedade capitalista. (SOUZA OLIVEIRA, 2018, p.111)

A autora analisa que por mais que o trabalho seja realizado de maneira individual, ele existe em função do coletivo, e é assim também com o trabalho docente. Uma das consequências da intensificação das atividades do professor-pesquisador, é que ela leva à uma falsa sensação de que o adoecimento é individual, fazendo com que cada trabalhador se veja só e como o único que não consegue lidar com suas demandas. (SOUZA OLIVEIRA, 2018, p.112)

Diante deste contexto, buscou-se analisar a realidade do trabalho docente na Universidade Federal de São Paulo Campus Baixada Santista no período de 2017 a 2018 identificando as expressões dos impactos na vida e na organização do trabalho destes/as trabalhadores/as em um cenário no qual o capital apropriou-se da bandeira de luta dos trabalhadores e sob o discurso da democratização da educação superior a transformou em negócio altamente lucrativo, retirando sua concepção enquanto direito e lhe atribuindo qualidade de serviço que pode ser mercantilizado. (CHAUÍ, 2001 apud SOARES e NOBRE, 2018, p. 808)

3.OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Compreender o trabalho docente, o significado do trabalho e adoecimento para estes trabalhadores, amparado na perspectiva teórica do Serviço Social e produções atuais.

3.2 Objetivos específicos

- Conhecer a dinâmica de trabalho e percepções de docentes da Universidade Federal de São Paulo Campus Baixada, em relação ao trabalho e saúde.
- Realizar revisão de literatura produzida pelo Serviço Social sobre a temática mudanças no trabalho e reestruturação produtiva.

4. METODOLOGIA

Trata-se de estudo com abordagem qualitativa pautado nas entrevistas semiestruturadas com docentes da Universidade Federal de São Paulo. Compõe ainda a metodologia o levantamento bibliográfico que permitiu maior conhecimento da produção acadêmica científica relacionados à temática em estudo. Desta forma foi analisada a literatura produzida pelo Serviço Social sobre a temática trabalho, buscando possibilitar uma interpretação aprofundada sobre a realidade do trabalho docente em uma Universidade Pública. A busca utilizou bases de dados de artigos científicos, por exemplo, Scielo, teses e livros do Serviço Social. Compreende-se que o levantamento bibliográfico é parte integrante de uma pesquisa e permite o conhecimento da produção acadêmica científica relacionados à temática em estudo. Desta forma foi pesquisado a literatura produzida sobre o adoecimento docente, serviço social.

4.1. Etapas Metodológicas

4.1.1 Conhecimento sobre a produção do Serviço Social e Trabalho

Inicialmente foram realizadas buscas sobre a temática trabalho e serviço social com o intuito de unir essas informações e conectá-las à realidade do/a docente de universidade pública. O levantamento bibliográfico foi realizado a partir de produções que estavam disponíveis gratuitamente o que possibilitou encontrar para compor este projeto uma contribuição compilada realizada pelo professor Doutor Ricardo Lara, em

2008, da Universidade Federal de Santa Catarina, sobre a produção de conhecimento no Serviço Social colocando em debate o mundo do trabalho. A tese *A produção de conhecimento no Serviço Social* possibilitou ampliar a discussão sobre o trabalho docente. Na tese é apresentada a produção do Serviço Social no Brasil em que o autor revela o eixo temático transformações do mundo do trabalho e reestruturação produtiva apresentando discussões que se concentram em torno de questões macroeconômicas. Os principais temas são: reestruturação produtiva na visão dos empresários brasileiros; inovações na gestão da força de trabalho. Terceirização na contrarreforma do Estado; cidade e reestruturação produtiva; nuances do atual estágio de acumulação produtiva; desafio do Serviço Social diante das novas demandas da reestruturação produtiva; crise da modernidade burguesa e “globalização”; reorganizações industriais e novas tecnologias. Na apresentação o autor apresenta dados pautados na revisão da literatura que pode ser observada nos quadros 1 e 2, sobre as temáticas de interesse a esta pesquisa.

Quadro 1- Eixo temático – Transformação do Mundo do trabalho e Reestruturação Produtiva

Autor	Área de Graduação do Autor	Título do Artigo	Caráter do Artigo	Revista
Eduardo Navarro Stotz	Ciências Sociais	Reestruturação industrial na visão dos empresários brasileiros	Resultado de Pesquisa	Serviço Social e Sociedade n° 52 - 1996
Leila Baumgratz Delgado Yacoub	Serviço Social/Direito	Inovações na gestão de mão de obra	Resultado de Pesquisa	Serviço Social e Sociedade n° 57 - 1998
Rute Gusmão	Serviço Social	A terceirização de serviços na contrarreforma do Estado	Ensaio Teórico	Serviço Social e Sociedade n° 70 - 2002
Maria Elvira Rocha de Sá	Serviço Social	A cidade, a reestruturação produtiva e a nova ordem mundial	Ensaio Teórico	Serviço Social e Sociedade n° 72 - 2002
Maria José de Souza Barbosa	Serviço Social			
Ednéia Alves de Oliveira	Serviço Social	O atual estágio da acumulação capitalista: destruição criativa ou criação destrutiva?	Ensaio Teórico	Serviço Social e Sociedade n° 82 - 2005

Fonte: Lara (2008)

4.1.2. A compreensão do trabalho docente a partir da fala dos trabalhadores/trabalhadoras

Esta abordagem, teve-se como ponto de referência o conteúdo produzido em 2017-2018 a partir de Iniciação Científica realizada na Unifesp. O método empregado nesta etapa da pesquisa científica visou entender o processo de trabalho dos

docentes na universidade, a percepção dos docentes sobre o adoecimento gerado pelo trabalho na universidade; como ocorre a organização do trabalho; os conflitos entre o gerenciamento e o trabalho; as relações com a organização de classe e as suas relações saúde/adoecimento. Para a coleta destas informações foi realizado uma abordagem *qualitativa*, pois, segundo Minayo (2008), "...a quantidade e a qualidade são inseparáveis e interdependentes...". Simioni et al. (1996) indicam que grande parte das pesquisas qualitativas adota a "análise do discurso" já que, dar voz aos indivíduos, é uma das formas mais adequadas para operar o resgate das representações dos sujeitos.

O discurso dos docentes foi coletado por meio de entrevistas semiestruturadas, utilizando-se gravação digital e com a posterior transcrição literal das gravações obtidas. A entrevista foi conduzida por questões que abordaram as temáticas: *Como é seu trabalho? O que te traz tensão? Como você se sente no trabalho? e O que você mais deseja para seu trabalho?* As entrevistas foram realizadas no espaço da universidade em ambiente reservado que permitiu garantir o sigilo das informações fornecidas pelos docentes. As entrevistas tiveram duração média de uma hora.

A análise da fala dos trabalhadores teve como base o método do Discurso do Sujeito Coletivo (LEFÉVRE et col., 2000). Utilizou-se este método por ser amplamente usado no campo da Saúde Coletiva com resultados significativos de apreensão da realidade dos entrevistados.

A Proposta do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) implica a utilização de quatro figuras metodológicas elaboradas para ajudar a organizar e tabular depoimentos e demais discursos. Estas figuras são: a ancoragem, a ideia central, as expressões chaves e o discurso do sujeito coletivo. Segundo Lefréve et al. (2000) quase todo discurso tem ancoragem na medida em que está sempre alicerçado em pressupostos teóricos, conceitos, hipóteses. A ideia central pode ser entendida como a(s) afirmação(ões) que permitem traduzir o essencial do conteúdo explicitado pelos sujeitos e seus depoimentos, e as expressões chaves são construídas por transcrições literais de parte dos depoimentos que permitem o essencial do conteúdo discursivo dos seguimentos em que se divide o depoimento (que em geral correspondem às questões da pesquisa). Ainda de acordo com o autor, o DSC busca construir com pedaços de discursos individuais, como em um quebra cabeça, tantos discursos

síntese quanto se fazem necessários para expressar uma “dada” figura, ou seja, um dado pensar ou representação social sobre um fenômeno.

Para o desenho qualitativo da pesquisa a seleção dos docentes foi definida a partir dos respondentes aos questionários na fase quantitativa da pesquisa de iniciação científica realizada em 2016-2017. Após aprovada a pesquisa pelo Comitê de Ética da universidade Federal de São Paulo, sob o número CAAE 2.6685717.2.0000.5505, todos/as os/as docentes foram convidados/as a conceder as entrevistas e assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (**Anexo I**).

No percurso metodológico, como primeiro passo para a construção do discurso do Sujeito Coletivo nesta pesquisa, foram analisados os discursos em estado bruto, de 7 docentes, extraindo as ideias centrais e suas expressões chaves relatadas pelos indivíduos em suas respectivas expressões características individuais no que dizia respeito ao seu trabalho na universidade

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa contou com sete docentes entrevistados que abordaram a temática trabalho e seus significados diante de suas atividades desenvolvidas na Universidade. O quadro 3 apresenta os docentes entrevistados.

Quadro 3. Características dos docentes entrevistados, maio de 2018, Santos, SP.

Docente	Idade	Sexo	Tempo na docência	Tempo na Unifesp*
Andromeda	48	Feminino	17 anos	7 anos
Draco	34	Masculino	6 anos	1 ano
Phoenix	53	Masculino	20 anos	7 anos
Lyra	45	Feminino	6 anos	5 anos
Columba	46	Feminino	19 anos	6 anos
Pégasus	55	Masculino	24 anos	3 anos
Órion	53	Masculino	22 anos	3 anos

Pode-se observar que no quadro 3 o tempo de docência na Unifesp é menor do que o tempo de docência na vida dos entrevistados. O Campus Baixada Santista é um campus novo, inicia atividade em 2006, oriundo do processo de Expansão

Universitária (Secretaria de Educação, 2014), sendo a primeira Universidade Federal na Baixada Santista.

Os nomes apresentados no quadro 3 tem o objetivo de preservar a identidade dos docentes que participaram da pesquisa concedendo as entrevistas.

Na interpretação do discurso, através de ouvir e ler as entrevistas, a situação da intensificação do trabalho (referida como muito trabalho e trabalhar muito), do relato da necessidade de realizar tarefas que se referem a gestão, ao trabalho em casa, ao adoecimento, enfim a vivência de trabalho na universidade, emergiram de forma constante nos relatos. Os discursos semelhantes foram agrupados sob os seguintes temas: (1) *reestruturação produtiva*; (2) *intensificação do trabalho*; (3) *gestão e competitividade*; (4) *adoecimento pelo trabalho*, que são apresentados em sequência no próximo item.

5.1. O discurso dos/das docentes

Os docentes na abordagem com as entrevistas relatam sobre seu trabalho. Analisando a primeira temática ressalta a compreensão dos docentes sobre a *reestruturação produtiva*. É percebido as transformações na organização e nos efeitos sobre o trabalho quando os docentes dizem que

[...] e aí, nas situações que a gente está vivendo nas universidades federais, está anunciado não explicitamente, mas a gente percebe que existe um movimento de sucateamento, de um desmanche da rede de universidades federais que foi construída de 15 anos pra cá...Então essa tensão é pesada, é pesada do ponto de vista psíquico mesmo, emocional, experiência de você se sentir idiota, e mais ainda...idiota de um jogo político onde nada é dito explicitamente, então esse medo de você estar caindo em armadilhas políticas que você não tem noção o que é...essa responsabilidade de qualquer erro ser um erro que compromete. (Discurso do sujeito Coletivo, 2017-2018)

O “sucateamento” é a expressão utilizada para a ação de desmonte das universidades públicas. No contexto atual das universidades o “sucateamento” é parte da engrenagem que move a mudança de interesses tanto do Estado, quanto dos neoliberalistas, para com os rumos da educação e formação dos futuros trabalhadores oriundos das universidades. A metamorfose das universidades se enquadra em um interesse da esfera da privatização de bens público contido na proposta neoliberal. Sobre o processo de transformação Oliveira (2000, p.18) nos indica que parece haver,

nas atuais políticas da educação superior, uma lógica econômica e produtivista que implica uma remodelação do sistema, especialmente nas universidades federais. Para Svartman e col. (2015) o novo contexto econômico e político abriu as portas gradualmente para a reestruturação produtiva universitária desde a década 1980, e as mesmas transformações dos ambientes de trabalho passam a ser pensadas para a universidade, mas agora de forma explícita e acelerada. Os efeitos desta reorganização da produção na educação/formação recaem sobre os docentes. No discurso acima descrito os docentes percebem o jogo político embutido no novo modo de estruturar o trabalho e mais ainda o reflexo desse jogo nas suas vidas de trabalho. Depara-se ainda com o medo do “erro”, semelhante ao “medo de errar” que os trabalhadores relatam nas atividades em processos industriais, indicando que o erro pode comprometer, e aparecendo na fala do docente como um fato novo no processo de formação nas universidades.

Com o advento da reestruturação produtiva no âmbito das universidades públicas emerge o discurso sobre a *intensificação do trabalho*, uma temática abordada. De acordo com Rosso (2008) a intensificação do trabalho significa que se trabalha mais, mais trabalho é produzido, no mesmo período de tempo considerado. Esta temática aparece no discurso dos docentes na forma de carga horária, nos pilares de formação da universidade, entre outros apontamentos. Enfim, reconhecem a relação trabalho e intensidade deste. No discurso a descrição das exigências e da organização do trabalho é referida como pode-se observar:

A gente tem uma dada carga horária em sala de aula com turmas que variam de 30 a 40 alunos, para cada semestre essa carga horária se altera, o MEC indica que cada professor de universidade pública assuma 12 horas aulas na graduação, o indicativo é que de fato 8 horas seria o ideal, dificilmente colegas conseguem ficar com 8 horas, tem gente que está 12 horas e tem professor/a que está dando 16 horas aula a 20 horas aula. Meu trabalho é uma rotina estruturada nos próprios pilares da universidade, eu trabalho com disciplinas na graduação e pós-graduação, atividades de extensão, atividades de monitoria, orientação de TCC, orientação de teses (mestrado, doutorado), atividade de gestão, representações em comissões, pesquisa de iniciação científica, coordenação, grupos de pesquisa, reuniões, ou seja, tenho que preparar três aulas por semana, dar três aulas, o que implica em preparar aula, ler textos, ver filmes, organizar uma proposta para a disciplina, uma proposta de prova, lançar nota no sistema, juntando com essa parte de gestão, coordenação, pesquisa e extensão e tem também reuniões via Skype, ou seja, o trabalho é imenso, né! Então, o trabalho de dar aula, ele traz um monte de outros trabalhos para além de dar aula!(Discurso do sujeito Coletivo, 2017-2018)

O trabalho é relatado de forma intensa em um contínuo de atividades que parecem ocupar o dia, a noite e a madrugada na vida dos docentes. E a semana também acontece de forma plena de atividades e cobranças por parte da forma de organização das atividades acadêmicas como indica o discurso a seguir:

[...] então...é uma semana bastante atribulada e cheia para poder dar conta de todas essas atividades...tem o aspecto reuniões, tem um monte de reunião aqui e a Gestão sempre está envolvida, a gente faz reunião de curso, de departamento, assume outras funções de Gestão no campus, além de ensino, pesquisa e extensão tem tarefas burocráticas e administrativas que a gente assume né, ao mesmo tempo a gente é cobrado para ter certa produtividade, para ter uma quantidade de artigos, sobra pouco tempo para a pesquisa então você acaba fazendo a pesquisa em casa à noite com o tempo que sobra. Cada professor/a organiza sua vida acadêmica, sua vida profissional, mas eu vejo os meus colegas do mesmo jeito que eu, ou seja, trabalhando de manhã, de tarde, de noite, de madrugada e final de semana pelo acúmulo de coisas, falo para meus colegas que eu nunca trabalhei tanto na minha vida depois que eu assumi a docência na universidade pública, nunca! Então assim... cada dia eu tenho compromisso, uma hora com você, quatro horas orientação, sete horas prova, e às vezes nove da noite eu marco outra reunião, então assim... marco tudo! A ponto de às vezes não ter horário pra jantar, não ter horário para tomar lanche, sair esbaforida de uma reunião à outra....se eu estiver uma dor de barriga, se eu estiver morrendo de fome, eu tenho que suspender uma coisa dessas.(Discurso do sujeito Coletivo, 2017-2018)

As tarefas são muitas e as vezes sobrepostas. Na abordagem da intensificação surge o “lugar” das tarefas na *gestão do campus*. Os docentes percebem esta atividade com um significado de “peso”. No discurso aparece esta questão como cansativa conforme demonstrado abaixo:

Meu trabalho tem algumas coisas gerais de todos os professores que é conciliar pesquisa, ensino e extensão por meio disso tem uma série de atividades que a gente acaba fazendo pra dar conta desses três elementos e também assumir outros cargos que não está nem na pesquisa, nem na extensão, que é a Gestão de algumas coordenações. Ah! A Gestão às vezes é pesada, cansativa e nada prazerosa. Aqui a gestão é extremamente burocrática, tem um peso político que é desgastante, por que eu estou falando por um coletivo, então é uma responsabilidade imensa, qualquer deslize que eu tenha rebate sobre o coletivo.(Discurso do sujeito Coletivo, 2017-2018)

Aparece neste contexto a expressão do cansaço no desempenho da tarefa de gerir o campus e a burocracia enfrentada. Fala-se de um coletivo que em outro discurso surge no conjunto que envolve a dimensão política da realidade da universidade enquanto sociedade e afeta o papel do docente na gestão.

Dentro das disputas políticas que existe em qualquer universidade, em qualquer experiência humana a gente tem política, às vezes tem que lidar com tensões entre colegas, acho que tem uma dinâmica interna bastante complicada, tem competitividade grande, onde um conjunto de docentes tem

posicionamentos diversos, compreensões de homem, de mundo e de sociedade distintas e uma direção política distinta, obviamente causa quando vai para uma assembleia docente e aquilo que estou defendendo não está sendo escutado e aí vejo outra direção de docentes em um campo mais conservador, esse trabalho na Gestão te joga dentro de determinadas tensões em função de interesses que não são interesses necessariamente compartilhados, em vários momentos você tem um interesse de um grupo e não de outro, eu odeio, isso me desgasta psicologicamente e fisicamente. (Discurso do sujeito Coletivo, 2017-2018)

A *competitividade* entre os docentes é observada a partir das tensões de interesses que desmobilizam uma possível construção coletiva. A formação de pequenos grupos de um campo mais conservador, segundo os/as trabalhadores/as, possui interesses individuais e não compartilhados com a categoria passando a gerar as seguintes experiências do ponto de vida profissional:

[...] está sendo uma experiência péssima do ponto de vista profissional, eu entendo que tem pessoas que adoecem né por conta do trabalho burocrático, a Gestão para mim é um sacrifício, é muito doloroso, por que eu sei que posso estar produzindo efeitos negativos para coletividade por não saber o que fazer, isso é muito ruim, é o que tem tido mais peso nas minhas frustrações, essa falta desse espírito coletivo, dessa organização política, dessa lacuna na universidade, uma hora se fragiliza o movimento docente, aí daqui a pouco vem um ou dois chamando para reunião, nessa reunião tem cinco docentes, daqui a pouco tem dez e aí se falar sobre a possibilidade de Greve vem uns cem, acho que isso me incomoda. (Discurso do sujeito Coletivo, 2017-2018)

Há um pensamento dominante entre os docentes diante da formação de grupos caracterizados por seus interesses individuais e competitividade, professores/as estão a concorrer entre si tal como os burgueses concorrem. Segundo Engels (2010) a concorrência é a expressão mais completa da guerra de todos contra todos que impera na moderna sociedade burguesa. Essa guerra sendo uma guerra pela vida, pela existência, por tudo, não se trava apenas em diferentes classes, sendo assim, cada trabalhador/a constitui um obstáculo para o outro e, por isso, todos procuram eliminar quem quer que se lhes cruze o caminho e tente disputar seu lugar. Deste fato, surge um proletariado (docente) desprovido de tudo, entregue a si mesmo, pois a classe dominante (a burguesia), se arrogou o monopólio de todos os meios de subsistência, ou seja, aquilo que o/a trabalhador/a necessita no sistema capitalista de produção, só/ pode obtê-lo dessa burguesia cujo monopólio é protegido pela força de Estado. Deste modo, segundo Severino (1986), uma classe dominante, numa determinada formação econômica, ao deter a propriedade dos meios de produção material controla igualmente os meios de produção mental, impondo deste modo suas ideias às classes que não possuem e nem controlam nada.

[...] eu fico chateada, vejo a falta de um espaço mais organizativo político e coletivo, a conjuntura não tem ajudado, ainda que a gente esteja só apanhando, perdendo direitos e isso não é motivador para que a categoria se junte e se organize coletivamente, parece o contrário, quanto mais derruição daquilo que a gente já conquistou, mais as pessoas voltam-se para a sua singularidade, voltam para cuidar da sua vida e portanto não veem uma dimensão coletiva.(Discurso do sujeito Coletivo, 2017-2018)

Os docentes sentem uma tensão muito pesada do ponto de vista psíquico e emocional nesta relação entre colegas. Há uma dificuldade inerente ao rearranjo da organização do trabalho sob influência da própria conjuntura política do país que vem dificultando cada vez mais a construção coletiva da classe. A percepção dos/as trabalhadores/as destaca uma condição existente da categoria como se ela estivesse agindo segundo sua própria vontade, esta condição se assemelha à condição mencionada por Engels (2010, p.118) em que a burguesia oferece ao proletariado os meios de subsistência em troca de seu trabalho, o que dá uma aparência de que está estabelecido livremente com a classe dominante um contrato, sem constrangimentos, como se o proletariado fosse o autor do seu próprio destino, uma liberdade que deixa ao trabalhador/a, como alternativa, à aceitação das condições impostas pela burguesia. Eis a concorrência docente!

A experiência em ser docente no Século XXI no Brasil é como participar de um jogo político onde nada é dito explicitamente, o espaço de trabalho é rodeado de armadilhas políticas onde a universidade é a expressão da sociedade. Segundo Severino (1986) todas as formas de pensamento e representação, elaboradas pela consciência humana – aspectos morais, filosóficos, políticos e científico-, dependem diretamente das relações de produção e de trabalho, correspondente à todas determinadas fases da história. Para Marx, não se trata de renunciar ao pensamento enquanto atividade da consciência, mas de não o desvincular de suas condições históricas reais de produção. A universidade neste sentido não é uma caixinha, como expresso no discurso:

[...] já sei lidar que essa universidade não é uma caixinha numa ilha, essa universidade é a sociedade, isso é uma tensão pra mim e eu já adoeci né, a docência é uma experiência de solidão, há uma falta de lugar é...da subjetividade né, de encontrar esses sujeitos e reconhecê-los, a universidade favorece esse espaço da solidão e isso incomoda e não é uma questão minha, é uma questão nossa da época, mas que a gente vive isso individualmente como um conflito. (Discurso do sujeito Coletivo, 2017-2018)

Severino (1986) irá dizer que a formação do docente deve levá-lo a discutir o significado da educação e de seu trabalho no contexto da vida social concreta, e uma vez que ela encontra-se em constante tensionamento e conflito individual, o sentido de sua existência e a eficácia de sua ação estão intimamente desligados do sentido de uma coletividade concreta. Há um não lugar à subjetividade do/a trabalhador/a e os docentes percebem seu *adoecimento* a partir da sua experiência de solidão e sofrimento:

[...] Me sinto cansada, mas contraditoriamente feliz! Os gregos já diziam que todo conhecimento produz dor, é aquela dor de você tomar consciência de algo que você não sabia que existia no mundo, e então essa dor da perda de verdades em função da constituição de outras verdades você perde à si para pensar a partir de um outro, de uma outra perspectiva isso qualquer conhecimento traz, por exemplo, que existam tantas resistências ideológicas por que, abrir mão de minha ideologia é abrir mão do chão que eu piso e essa ideia da desalienação, da tomada de consciência é...ela produz dor...tem um sofrimento que não é direto, é um sofrimento indireto por conta da quantidade de tarefas, por exemplo, nos últimos três meses eu dormi muito pouco por conta da quantidade de trabalho, acho que tem um sofrimento ali de as vezes não estar com a família, de ter dificuldade em conciliar a vida pessoal, projetos além da vida profissional, uma vez que a vida profissional não resume tudo que a gente é, né? (Discurso do sujeito Coletivo, 2017-2018)

Há uma dimensão do adoecimento docente que é percebida indiretamente, a demanda do trabalho que passa a contaminar as esferas da vida pessoal apresentada neste contexto. Porém, conforme descrito no discurso, a felicidade no trabalho permeia o cansaço, o sofrimento e a dor, chamando a atenção para a contradição, a dualidade dos efeitos do trabalho. Na condição de vida apontada, a hora do não trabalho é contaminada pelo trabalho e não se distingue mais o que é vida pessoal, de lazer, de descanso da vida de trabalho. A frustração promovida pela complexa conjuntura dos cortes da educação pública passa a produzir efeitos mais profundos no período de 2016 a 2017 como relatam os/as professores/as:

Está completando um ano que eu estou em tratamento psiquiátrico, estou tomando antidepressivo, por que chegou um momento em que eu percebi que eu precisava, por que eu estava completamente desmotivado e uma melancolia profunda, e isso coincidiu com a passagem de 2016 à 2017, a gente vive uma situação mais delicada, muitas vezes estressante, pela falta de infraestrutura, falta de apoio, precariedades, então você se depara o tempo todo com limitações de toda a ordem própria da política pública, todas as retaliações, cortes, acho que isso impacta diretamente no nosso trabalho. Desde o impeachment até a PEC do fim do mundo, mais a ocupação aqui do campus, todas essas frustrações no exercício da profissão, chegou em um momento em que eu quebrei e fui procurar uma psiquiatra, mesmo com tantas frustrações é ruim ter essa consciência...se eu não tomar este medicamento eu vou adoecer mais...e não vou conseguir fazer o que eu tenho que fazer,

eu vou descumprir o que eu tenho por contrato ou então assumo esse adoecimento. Tem uma parte de mim que não está em mim que está em um frasco, essa sensação é horrível! Ou seja, tem uma parte de mim que eu só consigo ter por que tem um frasco cheio de comprimidos do meu lado e seu não botar isso na boca eu não consigo ser o que eu tenho que ser, é horrível essa sensação, é muito ruim! (Discurso do sujeito Coletivo, 2017-2018)

O operário moderno, neste caso, Ser docente, pode aparecer como um Ser em liberdade, uma vez que não é vendido de maneira definitiva, mas pouco a pouco, diariamente, semanalmente, semestralmente, e não é vendido de um proprietário a outro, mas vende-se a ele mesmo, por que não é escravo de um indivíduo, é escravo de toda a classe proprietária. A demanda de trabalhadores, assim como a demanda de mercadoria, regula sua produção, ou seja, a quantidade de indivíduos produzidos, uma vez que a acelera quando é muito lenta e a trava quando é muito rápida (ENGELS, 2010, p.121-122) A produção e a venda intensificada de si vem promovendo condições precárias de trabalho e adoecimento aos docentes. Segundo Le Breton (2013, p.59- 60) o processo de individualização replica por uma produção pessoal de sua identidade, dessa forma, o indivíduo adapta sua vigilância ou sua resistência com auxílio de estimulantes psíquicos, como os antidepressivos, entre outros, ou no combate aos efeitos do estresse, melancolia, tomando tranquilizantes para acalmar suas tensões. Esses produtos medicamentosos participam as técnicas de uma gestão do humor e do uso de si na escala produtiva. Contribuem para a manutenção do sistema de produção docente, isto é, uma manutenção para a aceleração do ritmo de trabalho, metas e desempenho. Produz a si um outro estado de corpo docente que dê conta do que está em contrato, das exigências de produção acadêmica.

Têm vários professores que estão afastados por questão de saúde, adoecimento físico e está intimamente relacionado ao adoecimento mental, então é... essa perspectiva de ou eu complemento esta parte de mim que está em um frasco da farmácia ou eu me afasto e fico como alguém que tem uma experiência de invalidez, então eu prefiro ficar comprando um pedaço de mim na farmácia por enquanto do que pedir um afastamento por que isso é perder muito mais de mim, deixar de dar aula, deixar de fazer pesquisa, deixar de estar em extensão é perder à mim próprio, é uma parte de mim. (Discurso do sujeito Coletivo, 2017-2018)

O desmanche da educação pública segundo o relato de docentes também é o desmanche de si próprio enquanto categoria profissional. A tomada de consciência

sobre os ataques financiados pelo interesse da classe dominante coloca à leilão a imagem e significado de ser docente, servidor público e trabalhador no Brasil:

É muito comum ouvir as pessoas falarem “Aí que frescura, cuida mais de você, pensa nas suas coisas!” mas como pensar à mim sem pensar que eu sou um servidor público de uma estrutura de Estado com a função de garantir universidades públicas de qualidade e acessíveis? Quando tudo isso começa a quebrar, a se desmanchar...é um desmanche de mim próprio, meu projeto de vida era esse, muita gente não entende elas dizem: “Vira as costas, não dá bola para isso nesse momento, cuide de você!” então...mas cuidar de mim é garantir que eu seja quem eu sou e eu sou professor, eu sou docente, eu sou servidor público né?! Eu acho que nunca tinha caído tanto a minha ficha quando aconteceu esse adoecimento, ou seja, saber que esse desmonte do mundo social em volta da política social e política econômica em volta de mim....é o desmonte de mim mesmo. Isso tem sido bem pesado, há quem diz: “ah! você tem que dar graças a deus que ainda pode ter acesso à saúde!” é! Sim! Que bom! Isso é verdade! Mas é um paleativo que não necessariamente é um remédio, o remédio é outro! (Discurso do sujeito Coletivo, 2017-2018)

O discurso docente sobre seu trabalho é tratado de maneira inclusiva, incluso no aparato conceitual enquanto decorrente da vida coletiva, entendida como coletividade real, os processos de adoecimento no trabalho estão a atingir todos os docentes, estes percebem que os processos não são individuais. Há uma vivência mental de um proletário, com experiências individuais fragmentárias, e outra é a cosmovisão proletária, sistema de pensamento integrado numa estrutura global típica da classe operária. (SEVERINO, 1986, p.13).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo deste estudo propiciou conhecer as condições de trabalho do docente em uma universidade pública a partir de suas percepções frente a estrutura de organização produtiva financiada pela atual conjuntura política econômica do Brasil.

A partir do interesse pela temática observou-se que diversos pesquisadores (professores/as, historiadores, médicos, assistentes sociais, economistas, entre outros), estão a produzir literaturas que buscam compreender os efeitos dos impactos da reforma da previdência e do sucateamento das universidades públicas. Nesse sentido, o estudo possibilitou contribuir com a literatura conhecendo as condições de trabalho dos docentes da Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista.

Com a proposta de compreender o trabalho docente a partir de seu Discurso, a pesquisa passou a ter um papel importante pois criou-se um espaço de sigilo e confiança para que os trabalhadores/as pudessem contar suas experiências de trabalho, como ele está sendo executado, como se sentem realizando as atividades, o vem lhe causando sofrimento e tensão, e quais são seus desejos no trabalho.

Observou-se que os docentes percebem as transformações na organização produtiva e que a conjuntura política de desmonte da educação vem afetando diretamente o seu trabalho, esse desmonte é compreendido pela categoria como o desmonte de si.

Diante de uma intensa sobrecarga de trabalho os docentes mencionam que sentem-se tensionados, cobrados, estressados, sentem medo de errar e de estarem caindo em armadilhas políticas. A competitividade aparece como um reflexo da falta de organização coletiva, e a formação de grupos com interesses individuais é percebido como um fator que causa tensão entre os docentes.

Além disso, verificou-se que a somatória dos fatores como a sobrecarga de trabalho, competitividade e a conjuntura causam uma tensão “pesada” do ponto de vista psíquico e emocional que afeta a saúde do trabalhador/a.

Ao relatarem sobre o que lhes causam tensão, os docentes reafirmam que a docência é um espaço de solidão onde não há lugar à subjetividade e que a falta de uma organização entre trabalhadores/as dificulta enfrentar este adoecimento. Os docentes percebem que estão adoecidos igualmente a seus colegas no trabalho, e apontam que precisam consumir remédios para dar conta deste sofrimento.

A partir desta aproximação com a realidade do/a trabalhador/a, observa-se a necessidade em aprofundar os estudos sobre as condições de trabalho de docentes de universidades públicas, contribuindo para maior visibilidade dos processos que vem afetando a saúde destes trabalhadores/as. As pesquisas podem serem instrumentos propícios para a criação de um espaço para que os docentes do Brasil possam ser escutados e representados a partir de seu discurso.

7.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alves D A, Benites L FR. **Da disciplina ao controle: contribuições de Foucault e Deleuze para pensar o trabalho contemporâneo.** *Revista do Centro de Ciências Sociais e Humanas* 2001, 14(1): 92-100.

Arbex P S, Souza K R, Mendonça A L O. **Trabalho Docente, readaptação e saúde: a experiência dos professores de uma universidade pública.** *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 23 (1): 263-284, 2013

Certau M. **A escrita da história.** Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

Engels F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra.** São Paulo: Editora Boitempo, 2010.

Guarany, A M B. **Trabalho Docente, Carreira Doente: elementos que impactam a saúde mental dos docentes da universidade Federal do Rio de Janeiro – Estudo de Caso.** [doutorado]. Rio de Janeiro (RJ): Escola de Serviço Social-Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2014.

Iamamoto, M; Carvalho R de. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil – Esboço de uma interpretação histórico-metodológica.** 22ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

Lalla Júnior, J R de. **Desafios, dificuldades e incertezas no trabalho do professor universitário: Estudo de caso em uma universidade pública no interior do Estado de São Paulo.** [mestrado]. Saúde coletiva. Botucatu (SP): Faculdade de Medicina - Universidade Estadual Paulista-UNESP, 2019.

Le Breton D. **Adeus ao Corpo – Antropologia e sociedade.** 6ª ed. São Paulo: Papirus, 2013.

Lefèvre F, Lefèvre AMC, Teixeira JJV. **O Discurso do Sujeito Coletivo – uma abordagem metodológica em pesquisa qualitativa.** Caxias do Sul: EDUSC; 2000.

Lima M F E M, Lima-Filho D O. **Condições de trabalho e saúde do/a professor/a universitário/a.** *Ciências e Cognição* 2009, 14(3): 63-82

Minayo, MCS. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 11ª ed. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 2008.

Oliveira J F de. **A reestruturação da educação superior no Brasil e o processo de**

metamorfose das universidades federais: o caso da Universidade Federal de Goiás (UFG). [doutorado]. São Paulo (SP): Faculdade de Educação -Programa de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo - USP; 2000.

Oliveira Souza A M. **Atribuições dos professores-pesquisadores na universidade Federal de Goiás/regional Jataí: Trabalho docente ou doente?** [mestrado] Rio de Janeiro (RJ): Escola de Serviço Social-Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2018.

Pelbart, P P. **Poder sobre a vida, potência da vida. Revista Lugar Comum, Estudos de Mídia, Cultura e Democracia.** Rede Universidade Nômade, Porto Alegre, n.17., p.34-35, 2002.

Penteado, RZ, Souza Neto, S. **Mal-estar, sofrimento e adoecimento do professor: de narrativas do trabalho e da cultura docente à docência de profissão.** Revista Saúde Sociedade. São Paulo, v.28, n.1, p 135-153, 2019.

ROSSO, S. dal. **Mais trabalho! A intensificação do labor na sociedade contemporânea.** São Paulo, Bointempo Editorial, 2008, 208p.

Lara R. **A Produção do Conhecimento em Serviço Social: O mundo do trabalho em debate.** [doutorado]. Franca (SP): Faculdade de História, Direito e Serviço Social -Programa De Pós-Graduação Da Universidade Estadual Paulista “Júlio De Mesquita Filho” – UNESP; 2008.

Secretaria de Educação Superior (SESu). **A democratização e expansão da educação superior no país 2003 – 2014.** Ministério da Educação, 2014.

Severino A J. Educação, **Ideologia e Contra-Ideologia.** São Paulo: E.P.U., 1986.

Simioni AMC, Lefèvre F, Pereira IMTB. **Metodologia Qualitativa nas Pesquisas em Saúde Coletiva: Considerações Teóricas e Instrumentais.** Série Monográfica Nº 2- Eixo promoção de Saúde, Centro de estudos e Pesquisas de Direito Sanitário- Universidade de São Paulo-Faculdade de Saúde Pública-Departamento de Práticas de Saúde Pública, 1996.

Soares R V, Nobre, M C Q. **O Golpe de Estado no Brasil em 2016 e inflexões na política de educação superior.** Revista de Políticas Públicas 2018, 800-822.

Svartman B P, Crochík J L, Massolaa G M. **A reestruturação produtiva universitária e suas consequências sobre a produção acadêmica.** Psicologia USP. São Paulo, v.26, n.2, p.129-132, 2015.

Anexo I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PARA DOCENTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO - UNIFESP (QUESTIONÁRIOS)

PROJETO: “Trabalho e Saúde dos Docentes de Universidade Pública Federal/ Brasil.”

Prezada (o) Docente,

Está neste momento a receber informações sobre a pesquisa “Trabalho e Saúde dos Docentes de Universidade Pública Federal/Brasil”. A pesquisa pretende analisar o processo de trabalho na Universidade Federal de São Paulo campus Baixada Santista, nas formas de organização e na configuração de diferentes experiências de saúde e doença dos docentes.

Solicito a sua autorização para realizar entrevista a ser utilizada neste estudo. A duração estimada da entrevista é de 40 minutos e trata de questões relativas ao seu trabalho (função, tempo de trabalho, organização da atividade) e sobre a sua saúde e doenças.

A sua participação neste estudo é voluntária e mesmo que decida participar, tem plena liberdade para solicitar, a qualquer momento, a interrupção da entrevista ou retirar o seu consentimento.

Pode e deve fazer todas as perguntas que julgar necessárias antes de concordar em participar no estudo, assim como a qualquer momento durante a nossa conversa.

O seu nome será mantido em segredo e as informações que nos fornecerá não serão identificadas como suas. As informações obtidas serão analisadas em conjunto com outros trabalhadores, não sendo divulgada a identificação de nenhum trabalhador. Os registros, entretanto, estarão disponíveis para uso da pesquisa e para a produção de artigos científicos.

Você será mantido atualizado sobre os resultados que sejam do conhecimento da pesquisadora.

Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada com a sua participação.

O estudo não apresenta riscos para o participante. Não há benefício direto para o participante. Em qualquer etapa do estudo, poderá ter acesso à profissional responsável pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. A pesquisadora Laiany Lara Emiliano pode ser encontrada na UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo, Rua Silva Jardim, nº 136 – Santos – SP, CEP: 11015-020. O contato da pesquisadora também encontra-se a disposição:

email: laianylara2@hotmail.com (11) 98888-4161.

orientadora: fatiguei@outlook.com (11) 993503354

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Unifesp – Rua Botucatu, 572 – 1º andar – cj 14, 5571-1062, FAX: 5539-7162 – E-mail: cepunifesp@unifesp.br.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido está sendo disponibilizado em 2 vias originais uma para ficar com o participante e outra para ficar com o pesquisador.

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que me foram lidas, descrevendo o estudo “Trabalho e Saúde dos Docentes de Universidade Pública Federal/Brasil”.

Eu discuti com a pesquisadora Laiany Lara Emiliano sobre a minha decisão em participar neste estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, os seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a minha participação é isenta de despesas. Concorde voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo.

.....

Nome do entrevistado(a)	Assinatura	Data
-------------------------	------------	------

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste entrevistado para a participação neste estudo.

Laiany Lara Emiliano

.....

Nome da pesquisadora	Assinatura	Data
----------------------	------------	------